# ÍNDICE

*PREFÁCIO* ..... 9
*Sobre a presente edição* ..... 21
*Sinais usados na fixação do texto* ..... 25

PREFÁCIO DE FERNANDO PESSOA ..... 29

AUTOBIOGRAFIA SEM FACTOS ..... 35

OS GRANDES TRECHOS ..... 377

APÊNDICE ..... 449
I. Textos que citam o nome de Vicente Guedes ..... 451
II. Projetos e notas editoriais ..... 453

*NOTAS* ..... 459
*ÍNDICE DOS TEXTOS* ..... 473

OBRA ESSENCIAL DE

FERNANDO PESSOA

# LIVRO DO DESASSOSSEGO

COMPOSTO POR BERNARDO SOARES,
AJUDANTE DE GUARDA-LIVROS
NA CIDADE DE LISBOA

*edição*
RICHARD ZENITH

ASSÍRIO & ALVIM

# PREFÁCIO

Richard Zenith

*Este livro é um só estado de alma, analisado de todos os lados, percorrido em todas as direções.*
*— p. 395*

*Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.*
*— p. 350*

A inspiração chega de formas imprevisíveis. Uma imagem entrevista, uma frase entreouvida, um cheiro que desperta uma lembrança, uma conversação, uma notícia no jornal, uma repentina ideia surgida na cabeça — coisas tão simples podem dar origem a um poema, um quadro, uma sinfonia, ou até a um complexo sistema filosófico. Acontece que a mais deslumbrante obra em prosa de Fernando Pessoa, uma obra que perdurará como um dos monumentos literários do século XX, nasceu de uma só palavra: *desassossego,* que agitou a alma de Pessoa em 1913, mais precisamente em 20 de janeiro. Nesse dia redigiu, numa folha solta, o poema «Dobre», que reza assim:

Peguei no meu coração
E pu-lo na minha mão.

Olhei-o como quem olha
Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pávido e absorto
Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida
Do sonho e pouco da vida.

Ao lado do poema, pondo a folha na horizontal, rabiscou, em letras grandes, «O título *Desassocego*», sublinhando o vocábulo em grafia antiga com um traço bem vincado. Trata-se de uma palavra simultaneamente comum e misteriosa, rica em matizes significativos e sem um bom equivalente noutras línguas, pois nem o *desasosiego* do espanhol consegue ser tão

«desassossegado». Todo o *Livro do Desassossego* é, em grande medida, uma exploração do vasto e variado território que ela designa.

Pessoa, no momento em que registou esta palavra que tanto o cativou (e, na verdade, há indícios de que ela já algum tempo o intrigava), ainda não devia saber para que tipo de obra serviria, ou talvez pensasse num livro de poemas de teor semelhante ao de «Dobre» ou «Abismo» (do conjunto «Além-Deus»), composição inscrita na mesma folha, mas com outro título: «Sensação do Mistério». Seja como for, o título «Desassossego» chegou rapidamente ao seu destino final: projetos datáveis da primavera de 1913 já mencionam e identificam o *Livro do Desassossego* como sendo uma obra em prosa, e em junho ou julho desse ano Pessoa enviou, para a revista *A Águia*, do Porto, um texto chamado «Na Floresta do Alheamento», publicado no número de agosto sob o seu próprio nome e com a indicação «Do *Livro do Desassossego*, em preparação». Nos 16 anos que se seguiram, não voltou a publicar nada do livro, mas o seu germe de inquietação — o desassossego — não deixou de laborar, dando origem a um imparável, ainda que nem sempre contínuo, fluxo de escritos. Em setembro de 1914, escreveu ao poeta açoriano Armando Cortes-Rodrigues dizendo que esta sua «produção doentia» ia «complexamente e tortuosamente avançando», como se por vontade própria, e numa carta ao mesmo amigo, enviada dois meses depois, esclareceu a natureza da doença: «O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.»

Com efeito, os mais antigos trechos do *Livro do Desassossego* são, na sua maioria, fragmentários. Repletos de imagens insólitas, mas conseguidas, e numa escrita cuidada e original, também neles abundam os espaços em branco, à espera de palavras e frases que faltavam para completar uma ideia, arredondar uma descrição visual, ou prolongar um certo ritmo verbal. Outras vezes Pessoa deixava, pelo contrário, um excesso de palavras — variantes — para uma frase que não o satisfazia inteiramente. Alguns trechos são, na verdade, meros apontamentos; outros aglomerados de ideias relacionáveis, mas ainda desarticuladas. Mais tarde, quando revisse o seu *Livro*, Pessoa encontraria as palavras certas para os espaços em branco, escolheria entre as variantes que deixara, daria corpo e peso aos esboços, e fa-

ria o todo coerir. Raramente voltava, porém, ao que escrevera: estava demasiadamente ocupado a produzir novos textos. Importa recordar que o autor nem sequer tinha um caderno dedicado ao *Livro do Desassossego*. Escrevia trechos nos mais variados suportes — papel timbrado dos escritórios onde trabalhava ou dos cafés que frequentava, papel almaço, folhas soltas, envelopes, papel arrancado a agendas ou cadernos, cartões, folhas impressas com anúncios ou outros textos — a qualquer hora e em qualquer lugar. No início, elaborava listas dos trechos escritos ou projetados (ver alguns no Apêndice), mas o *Livro* cedo lhe escapou das mãos, num multiplicar-se quantitativo e temático. Não foi tanto um *work in progress* senão uma obra em progressiva dispersão. Pessoa vivia «desarrumado» em quase todo o seu universo escrito, mas no *Livro do Desassossego* essa desarrumação converteu-se numa espécie de premissa, sem a qual o livro não poderia ser fiel ao seu génio inquieto e agitado.

Os primeiros trechos refulgiam com as tonalidades de uma estética pós-simbolista, sugerida por alguns dos seus títulos: «Lenda Imperial», «Nossa Senhora do Silêncio» e «Sinfonia de uma Noite Inquieta». Neles, o desassossego não resulta do estado psicológico *real e quotidiano* do autor, mas sim de uma psicologia impessoal transformada em irrealidade, num hesitante e incorpóreo mundo de símbolos descrito por uma não menos etérea prosa. «Peristilo», um dos trechos mais antigos e mais fragmentários, é um exemplo típico, e Pessoa pensou utilizá-lo como portal de entrada para o seu *Livro*. Principia com esta frase sonhadoramente esculpida: «Às horas em que a paisagem é uma auréola de Vida, e o sonho é apenas sonhar-se, eu ergui, ó meu amor, no silêncio do meu desassossego, este livro estranho como portões abertos numa casa abandonada.» Mais adiante, o narrador dirige-se ao seu amor abstratamente feminino e eternamente virgem nestes termos: «Cisne de desassossego rítmico, lira de horas imortais, harpa incerta de pesares míticos — tu és a Esperada e a Ida, a que afaga e fere, a que doura de dor as alegrias e coroa de rosas as tristezas.» Em «Nossa Senhora do Silêncio», o narrador pede a uma outra (ou será a mesma?) mulher idealizada e assexuada que seja «o Crepúsculo Invisível e que as minhas ânsias e desassossegos sejam as tintas da tua indecisão, as sombras da tua incerteza». E o narrador de «Na Floresta do Alheamento» exclama:

«Que horas, ó companheira inútil do meu tédio, que horas de desassossego feliz se fingiram nossas ali!» Nestes ambientes etéreos, o desassossego parece ter uma qualidade quase material.

Porém, na altura em que o trecho «Diário ao Acaso» foi escrito, provavelmente por volta de 1918, a sede do desassossego já se tinha transferido definitivamente de uma paisagem espiritualizada e intemporal para o íntimo do narrador, situado no aqui e agora: «Ó grandes montes ao crepúsculo, ruas quase estreitas ao luar, ter a vossa inconsciência (…), a vossa espiritualidade de Matéria apenas, sem interior, sem sensibilidade, sem onde pôr sentimentos, nem pensamentos, nem desassossegos de espírito!» Pouco tempo antes, Pessoa, cansado de encontros imaginários com mulheres sem sexo, procurou curar a sua virgindade recorrendo à ajuda de espíritos astrais, com quem comunicava através da escrita automática ou mediúnica. E logo depois, em finais de 1919, iniciou uma relação com uma mulher de carne e osso: Ofélia Queiroz.

O *Livro do Desassossego* também contém um «Diário Lúcido», que parece ser quase contemporâneo do «Diário ao Acaso», mas os dois têm uma única entrada. Talvez Pessoa tencionasse expandi-los, introduzindo novas entradas, ou transferindo para eles outros textos já escritos mas sem título. Os trechos mais antigos do *Livro* geralmente ostentam títulos, mas a partir de 1915 poucos os têm, sendo cada vez mais diarísticos e dominados pelas inquietações intelectuais e emocionais de um homem de quase 30 anos, habituado a «pensar com as emoções e sentir com o pensamento» (p. 136). Estando também habituado a esconder-se por detrás de máscaras, Pessoa chamou a este homem Vicente Guedes, um ajudante de guarda-livros que escrevia nas horas vagas.

Na verdade Vicente Guedes surgira bem mais cedo, antes de 1910, como poeta, contista e tradutor, mas a sua caracterização material e psicológica só ficou definida por volta de 1915, enquanto «autor» do *Livro do Desassossego*. À semelhança do seu criador, Guedes era solitário, reservado, interiormente aristocrático e invulgarmente lúcido. Em «Fragmentos de uma Autobiografia» e outros trechos sem título, narra os seus esforços angustiados e infrutíferos para descobrir a verdade através da metafísica, da ciência e da sociologia. Noutras passagens descreve o desassossego genera-

lizado da sua geração, resultante do livre-pensamento desenfreado das gerações anteriores que, «ébrias de uma coisa incerta, a que chamaram "positividade"», «destruíram contentemente» o edifício moral, religioso e social da sociedade europeia, não deixando nada de sólido a que os seus descendentes se pudessem agarrar. Esta desoladora análise surge num trecho (pp. 171-172) que também fala especificamente do «desassossego político», um conceito dolorosamente pertinente para os europeus da segunda década do século passado.

A situação política de Portugal, já em plena crise, tornou-se insustentável na década seguinte. Só no ano de 1920 houve sete mudanças de governo, para além de inúmeras greves e manifestações, e o ano seguinte ficou famoso pela «Noite Sangrenta» de 19 de outubro, em que vários dirigentes republicanos foram brutalmente assassinados. A República, que nunca fora forte, desmoronou-se pouco a pouco, instaurando-se uma primeira ditadura em 1926, na sequência do golpe do general Gomes da Costa, que abriu caminho ao advento de Salazar, dois anos depois. Talvez a agitação política e social tenha, de algum modo, distraído Pessoa do seu *Livro do Desassossego*, que entrou num estado de quase dormência no início dos anos 20. O autor dedicou-se a outros projetos, entre os quais vários artigos e ensaios em defesa de um nacionalismo místico e da vinda de um Quinto Império que ultrapassaria todas as modalidades políticas até então experimentadas em Portugal. Foi também nesta década que Pessoa tentou enveredar pela carreira de empresário comercial e cultural. Em 1921 fundou a Olisipo, uma modesta agência comercial e igualmente modesta editora, nomeadamente de dois volumes da sua poesia escrita em inglês (1921) e de uma edição aumentada das *Canções* (1922), do poeta António Botto (1897-1959). Talvez para promover este último livro, Pessoa publicou um artigo em que justificava a homossexualidade de Botto como uma expressão natural do seu ideal estético inspirado na Grécia antiga. O artigo desencadeou uma guerra jornalística e panfletária de que Pessoa foi um dos combatentes mais destacados, batalhando não só com os seus pares literários mas também com um grupo de estudantes da extrema-direita. Em 1924, depois de a Olisipo ter fechado as portas, Pessoa fundou, com um amigo pintor, a revista *Athena*, onde publicou muitos poemas seus e várias

traduções, e em 1926 ele e o cunhado lançaram a *Revista de Comércio e Contabilidade*.

Na década de 1920 — já na casa dos trinta anos — Pessoa tornou-se um cidadão interveniente, assumindo um papel ativo na economia e na sociedade onde vivia. Como homem de negócios era, todavia, péssimo e, no fundo, não gostava da vida ativa, a que chamava «o menos cómodo dos suicídios» (p. 218). Em 1929, se não já no ano anterior, voltou ao seu *Desassossego*, cujo caráter se alterou porque ele próprio mudara: Pessoa estava pronto para escrever Pessoa. Ainda recorria a heterónimos, alegando que estes podiam sentir o mundo de forma mais completa do que ele sozinho, mas eram claramente os seus próprios sentimentos, irreprimíveis, que habitavam os poemas do Campos tardio e a prosa de Bernardo Soares, nome que Pessoa passou a atribuir ao ajudante de guarda-livros e suposto autor do *Livro do Desassossego*. Soares, empregado num armazém de fazendas, nem sequer tinha o estatuto de um heterónimo a cem por cento, não por ser menos real do que Álvaro de Campos ou Alberto Caeiro, mas justamente pelo motivo contrário. Era mais Pessoa, e não um verdadeiro «outro eu». Assim, Pessoa conferiu-lhe o estatuto de «semi-heterónimo», dotado de uma personalidade «não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela» (como explicou na sua célebre carta de 1935 sobre a génese dos heterónimos). O Barão de Teive, que surgiu em 1928, tinha muitas afinidades com Soares e, para todos os efeitos, era também um semi-heterónimo, um Pessoa «mutilado» que encarnava as suas pretensões aristocráticas e, sobretudo, a frustração de não conseguir levar ao cabo as obras que queria escrever.

E que destino teve Vicente Guedes, que durante muitos anos fora «responsável» pelo *Livro do Desassossego*? Sumiu-se. Foi esvaziado — das suas funções e de tudo o resto. Bernardo Soares não só lhe «roubou» a autoria do *Livro* como se apoderou da sua biografia: tinha a mesma profissão que o seu antecessor, a sua escrita era também, e sobretudo, a de um diarista, morava igualmente na Baixa lisboeta e num quarto andar (só que na Rua dos Douradores em vez da Rua dos Retroseiros), e até pilhou algumas memórias de infância de Guedes, pois lembrava-se, tal como este, dos serões passados entre velhas tias, em miúdo. É possível distinguir Guedes de

Soares, sendo o primeiro (que escrevia antes de 1920) mais friamente racional, algo distante do seu próprio mal existencial, e o segundo (que escreveu entre 1929 e 1934) mais emotivo, incapaz de se subtrair à sua angústia profunda. Sucede, porém, que esta mesma distinção pode ser estabelecida entre o Álvaro de Campos dos primeiros tempos (1914-1916) e aquele que surge a partir da «Tabacaria» (escrito em 1928), ou até entre a primeira poesia ortónima e a dos últimos anos. Tudo é, afinal de contas, Fernando Pessoa, que ia mudando ao longo dos anos, e com ele as suas personalidades literárias.

O *fenómeno* da heteronímia — a implacável atomização do ser, a total negação de um eu uno e coeso — é fundamental para compreendermos a obra de Pessoa, mas não vale a pena preocuparmo-nos excessivamente com questões de «autoria» específicas: se um determinado trecho sobre o Neopaganismo é de Ricardo Reis ou de António Mora, ou se tal poema é atribuível a Campos ou a Caeiro. O próprio Pessoa mudava essas atribuições, sendo os seis poemas de «Chuva Oblíqua» o caso mais notório: inicialmente pertencentes a Alberto Caeiro, passaram para Álvaro de Campos, foram publicados em 1915 como uma obra do próprio Pessoa e chegaram a ser ainda atribuídos, bem mais tarde e por um brevíssimo período, a Bernardo Soares.

Pessoa tinha, evidentemente, o direito de mudar de ideias, e a sua vontade de transferir integralmente a autoria do *Livro do Desassossego* para Bernardo Soares ficou claramente registada. No final dos anos 20, o nome de Vicente Guedes deixou de aparecer em projetos, apontamentos ou cartas onde o *Livro* é referido; Pessoa excluiu três pequenos trechos que nomeiam Guedes do grande envelope onde, nos últimos anos de vida, reuniu material para o *Livro,* e incluiu, no mesmo envelope, um frontispício identificando Soares como único autor da obra (e Fernando Pessoa como autor do autor). Há, ainda, um plano datilografado (ver Apêndice, p. 457) em que Bernardo Soares consta como autor não só dos textos que supostamente escreveria na Rua dos Douradores (a partir de 1929), mas também de «trechos vários» mais antigos, tais como «Sinfonia de uma Noite Inquieta», «Marcha Fúnebre para o Rei Luís Segundo da Baviera» e «Na Floresta do Alheamento». É este mesmo plano que atribui «Chuva Oblíqua» e outros poemas a Soares, decisão de imediato revogada, como

mostra a nota onde se referem «os poemas vários que havia errada tenção de incluir no *Livro do Desassossego*» (ver Apêndice, pp. 457-458). O guarda-livros da Rua dos Douradores conservou, todavia, «Na Floresta do Alheamento» e outros trechos do género, imbuídos da estética pós-simbolista, que poderíamos denominar de «prosas poéticas». É disto prova um longo trecho seu, datado de 28 de novembro de 1932 (pp. 312-314), que principia assim: «Caminhávamos, juntos e separados, entre os desvios bruscos da floresta. Nossos passos, que era o alheio de nós, iam unidos, porque uníssonos, na macieza estalante das folhas, que juncavam, amarelas e meio-verdes, a irregularidade do chão.» Impossível conceber uma mais perfeita continuação de «Na Floresta do Alheamento»!

Mas os trechos dos anos de 1930, época em que mais de metade do *Livro do Desassossego* foi escrita, pertencem quase todos a uma outra estética, caracterizada pelo devaneio mas também pela espantosa franqueza do seu conteúdo. O *Livro* tornara-se um verdadeiro (e quão verdadeiro!) diário, ou *journal intime*, não de coisas vistas e feitas mas de coisas pensadas e sentidas, as Confissões do autor, a «autobiografia sem factos» (p. 48) de uma alma «só comovida / Do sonho e pouco da vida» — para voltarmos ao já citado poema de janeiro de 1913, em cujo suporte nasceu o título *Desassossego*, pouco tempo depois aplicado ao seu célebre projeto de livro. Um livro nunca concretizado como tal, mas que, por isso mesmo, concretizou o princípio de incerteza que esteve na sua origem, alcançando, ao dispersar-se, uma curiosa coerência. Na sua última e mais fecunda fase, ainda surgiam passagens fragmentárias ou inacabadas, mas já não faria muito sentido completá-las. Pessoa passara para além da literatura: limitava-se a gravar a mente e a alma no papel. O desassossego já não era uma matéria trémula que perpassava a paisagem, nem uma obscura sensação de angústia, uma perturbação intelectual ou mesmo um mal-estar psicológico. Era a obstinada consciência de que a vida passara, estava a passar, ou passaria — essa estranha consciência que permite a contemplação da própria morte. Ou, coisa ainda mais estranha, a consciência dessa consciência. O desassossego era, afinal de contas, a condição dolorosa, mas necessária, para existir humanamente. Assim Bernardo Soares, depois de descrever uma tarde em Lisboa tão calma que «havia estagnação no próprio voo das gai-

votas», conclui com toda a honestidade: «Nada abafava. A tarde caía num desassossego *nosso*; o ar refrescava intermitentemente» (p. 99, itálico meu). Noutra passagem, contemplando nuvens dispersas, Soares exclama: «Que desassossego se sinto, que desconforto se penso, que inutilidade se quero!» O que provoca este desabafo não são as nuvens em si, mas a instabilidade e a indefinição existencial que a sua dispersão sem fim lhe sugere: «Sou o intervalo entre o que sou e o que não sou, entre o que sonho e o que a vida fez de mim» (p. 192). Soares não é um ajudante de guarda-livros, nem os seus sonhos: paira no meio, no intervalo vazio da consciência.

Se os heterónimos constituíam uma representação teatral desse intervalo, uma encarnação ficcional da consciência pessoana da sua eterna ausência, o *Livro do Desassossego* era um diário fechado à chave, que tudo contava na linguagem mais direta possível para as coisas nele narradas. E conquanto possamos ler as suas palavras, permanece fechado, porque elas nos atingem tão de perto, com tanta luz e tanta verdade, que paramos a perguntar-nos «Fui eu?», mas uma mão misteriosa impede-nos de ir mais longe, esquecemo-nos de novo e prosseguimos a leitura.

## Sobre a Presente Edição

Fernando Pessoa poderia ter intitulado esta obra *O Livro do Desassossego* e assim é frequentemente designada, mas o título, a rigor e por um feliz acaso ou pressentimento do seu autor, não inclui o artigo definido. Este *Livro do Desassossego* é, e será sempre, muitos livros possíveis, sem que possa existir uma edição definitiva. Mesmo que pudéssemos identificar todos os trechos que Pessoa ponderou incluir no *Livro* (e estamos longe de o poder fazer, porque nem sempre os rotulava), sabemos que o conjunto não corresponderia à obra que ele teria publicado, pois tencionava sujeitá-la a uma profunda revisão, começando por uma escolha «rígida» entre os trechos existentes (ver «nota», p. 458, no Apêndice). Seria, portanto, um livro menos volumoso do que este que o leitor tem nas mãos. A presente edição não ousou, com efeito, fazer uma escolha valorativa, procurando antes reu-

nir todo o material claramente destinado ao livro, sem conjeturar que textos o autor teria eliminado ou que outros podia ter acrescentado, dos muitos que ficaram sem rótulo mas nem por isso deixam de manifestar uma possível ou até provável pertença ao *Livro do Desassossego*.

Antes de morrer, como já foi dito, o próprio autor reuniu, num grande envelope com a inscrição «*Livro do Desassossego*», cerca de 300 trechos em variadíssimos estados de acabamento. Um ou outro parecem mesmo ter sido incluídos por engano, como é o caso de um manuscrito explicitamente atribuído ao «drama estático» *A Morte do Príncipe*, ou de um outro que se autoidentifica como parte integrante do *Diálogo no Jardim do Palácio.* No dito envelope, havia ainda quatro textos assinados pelo Barão de Teive, cuja prosa lembra a de Bernardo Soares mas que possui obra própria. Estes seis textos, excluídos da maioria das edições, também não figuram nesta.

Para além do núcleo constituído pelo autor, foram encontrados cerca de duzentos trechos adicionais, dispersos pelos seus cadernos e pelos milhares de papéis soltos que deixou. A referência *L. do D.*, a menção em listas específicas («Apoteose do Absurdo», por exemplo), ou alguma característica inequívoca vinculam-nos, sem margem para dúvidas, ao *Livro do Desassossego*.

Em todas as edições do *Livro,* desde a primeira (Ática, 1982), foram acolhidos outros textos que, não sendo explicitamente identificados com a obra, *parecem* fazer parte dela. Este «parecem» varia muito de significado nas edições que têm vindo a lume. Na que elaborei para a Assírio & Alvim em 1998 (10.ª ed. 2012), resolvi incluir alguns textos (aproximadamente cinquenta) cuja atribuição ao *Livro* não é segura, mas adotei uma atitude cautelosa, apenas admitindo trechos novos quando estes apresentavam nítidas semelhanças com outros seguramente pertencentes ao *Livro*. «Assemelhar», «parecer»… segundo quem? Segundo o organizador, evidentemente.

Desta vez, optei por restringir o *corpus* aos trechos cuja atribuição não levanta dúvidas, para podermos chegar a um *Livro do Desassossego* de certo modo «ideal», na medida em que o seu conteúdo obedece a um critério puramente objetivo. Mas o *Livro do Desassossego*, o não-livro por excelência, parece atrair as dúvidas, e esta edição, apesar das boas intenções de objetividade, não ficou totalmente isento delas. Retirei cerca de quarenta trechos

sem atribuição explícita incluídos na referida edição da Assírio & Alvim, mas conservei outros seis que falam do sonho, do devaneio e de sensações requintadas de uma maneira que só no *Livro do Desassossego* se encontra. O *Livro* constitui, desde os primeiros tempos até ao fim, uma ardente apologia do sonho, com trechos que explicam como sonhar a vida em vez de vivê-la (aquele intitulado «Maneira de Bem Sonhar», por exemplo) e outros — dezenas deles — que correspondem a estas lições postas na prática. Há muitos textos de caráter autobiográfico que tanto poderiam ser subscritos pelo próprio Pessoa como pelo seu «semi-heterónimo» (um «semi-Pessoa», portanto), mas Pessoa claramente não é, na prosa assinada por si, um sonhador à maneira de Bernardo Soares. Deixei ficar, portanto, os tais seis textos sem atribuição explícita, convencido de que só podiam ter sido escritos para o *Livro do Desassossego* (note-se que muitos outros trechos que comprovadamente fazem parte do livro *não* ostentam a sigla «*L. do D.*»). Para o leitor que não compartilhe desta minha convicção e prefira retirar as passagens em causa, é apresentada a respetiva indicação no início das Notas.

Devo ainda esclarecer que se incluíram alguns trechos, embora sem uma atribuição explícita, por terem o mesmo título de um trecho indubitavelmente pertencente ao *Livro* (é o caso de um ou outro «Intervalo Doloroso», por exemplo, ou de um dos dois trechos intitulados «Estética do Desalento»). Duas ou três outras opções eventualmente questionáveis são explicadas nas Notas finais.

O Apêndice contém um trecho e dois fragmentos prefaciais que nomeiam Vicente Guedes (excluídos do envelope com material reunido por Pessoa) e alguns projetos, listas e notas do autor referentes ao *Livro*. Uma carta dirigida à sua mãe em 5 de junho de 1914 e que Pessoa tencionava aproveitar para o *Livro*, decerto reformulando o seu conteúdo, e outra a Mário de Sá-Carneiro em 14 de março de 1916, da qual pretendia inserir algumas frases no *Livro*, figuram no volume dedicado às suas cartas. No final do *Livro do Desassossego*, publicado na coleção Obras de Fernando Pessoa, da editora Assírio & Alvim, encontra-se algum material muito fragmentário (trechos apenas esboçados, ou iniciados e logo abandonados).

A presente edição procura manter-se em terreno seguro, mas estamos perante uma obra em que — volto a insistir — as certezas são poucas. Podemos estar bastante seguros de que Pessoa pensou um dia incluir no seu *Livro* cada um dos trechos aqui reunidos — embora não saibamos quais deles teria deixado de fora, nem quantos outros poderia ter acrescentado ao *corpus* —, mas quando procedemos à ordenação dos trechos, o terreno resvala sob os nossos pés. É que as ideias de Pessoa sobre a forma de os ordenar eram pouco firmes e muito contraditórias, colocando como principal problema a forma de articular os trechos da primeira grande fase do livro (1913-1920) com os da sua fase final (1929-1934).

A última «nota» no Apêndice contém, possivelmente, as últimas considerações escritas por Pessoa sobre esta problemática, e nela põe a hipótese de transferir para outro livro os «Grandes Trechos» da primeira fase — aqueles com «títulos grandiosos, como a Marcha Fúnebre do Rei Luís Segundo da Baviera, ou a «Sinfonia de uma Noite Inquieta». Menciona, igualmente, a possibilidade de os deixar ficar no *Livro* — onde flutuavam entretanto, como todos os outros, sem lugar definido. Numa tentativa de conciliar as duas hipóteses, coloquei os «Grandes Trechos» (por ordem alfabética) não noutro livro mas sim numa secção distinta do *Livro do Desassossego*, pois nele tiveram origem e é o contexto que lhes confere maior brilho. Existem, aliás, inúmeros pontos de contacto entre estes e os restantes trechos, agrupados na secção denominada «Autobiografia sem Factos». No entanto, os «Grandes Trechos» são apenas uma parte do material «desassossegado» anterior a 1920. Subsiste o problema de saber como integrar os outros trechos daquela época com os da última e mais decisiva fase. Sempre segundo a mesma «nota» do autor, seria necessário adaptar «os mais antigos, que falhem à psicologia de Bernardo Soares, tal como agora surge, a essa vera psicologia».

Havendo, assim, uma vontade expressa do autor de fazer predominar a «vera psicologia» de Bernardo Soares (que surge em 1929), resolvemos utilizar os mais de cem trechos datados da última fase como estrutura de base para os restantes textos — tanto da última fase como da primeira. Esta estrutura obedece ao critério objetivo fornecido pelas datas, sendo os seus

cento e tal trechos ordenados cronologicamente, mas a arrumação, entre eles, dos mais de trezentos trechos sem data (e outros cinco com data — os únicos — da primeira fase) é assumidamente subjetiva.

Todas as datas patentes nos originais, as muitas variantes do autor, esclarecimentos de referências históricas e literárias e outras informações consideradas de interesse para o grande público estão registadas nas Notas do fim do volume. A já referida edição da Assírio & Alvim oferece, na sua introdução, explicações mais detalhadas sobre a própria escrita do *Livro* e os critérios e procedimentos editoriais por mim adotados e, nas suas notas finais, as cotas atribuídas pela Biblioteca Nacional a todos os originais aqui transcritos.

Quero agradecer a Teresa Rita Lopes e a Manuela Parreira da Silva, que, valendo-se da sua longa e empenhada experiência, me ajudaram a fixar alguns textos espinhosos. Importa recordar também o valioso trabalho realizado noutras edições do *Livro do Desassossego*, nomeadamente pelos investigadores Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha e Jerónimo Pizarro. As várias edições são mutuamente devedoras umas às outras, sobretudo no que diz respeito à leitura dos originais. Podem encontrar-se explicações pormenorizadas sobre a natureza desta colaboração informal nas respetivas Notas à 8.ª e à 9.ª edições do *Livro do Desassossego*, coleção Obras de Fernando Pessoa (Assírio & Alvim). A presente reedição do *Livro do Desassossego*, coleção Obra Essencial de Fernando Pessoa, apresenta notáveis melhorias na fixação e na articulação dos trechos que já se conheciam. Também inclui três trechos novos — «Escrevo com uma estranha mágoa» (p. 52), «Quando criança eu apanhava» (p. 212) e «Todo o pensamento» (p. 302) —, inéditos até à sua publicação na já referida 8.ª edição (2009) do *Livro* na coleção Obras de Fernando Pessoa.

A ortografia da presente edição está conforme com o acordo ortográfico de 1990, ratificado em 2008. Recorde-se que Fernando Pessoa, no *Livro do Desassossego* tal como no resto da sua obra, preferia utilizar uma «orthographia etymologica» (assim grafava as duas palavras), embora não tenha

sido inteiramente coerente neste propósito, pois soletrava certas palavras ora de uma maneira, ora de outra. E não se ficava por aí: o autor aceitava que os revisores de revistas alterassem a sua ortografia e por vezes ele próprio entregava textos redigidos com a ortografia fonética introduzida em Portugal em 1911.

Lisboa, janeiro de 2011

## Sinais Usados na Fixação do Texto

□ — espaço deixado em branco pelo autor
[…] — palavra ou frase não lida
[ ] — texto acrescentado pelo editor
[?] — leitura conjetural